

VISÃO DO CORREIO

O uso e abuso da natureza

Na quarta-feira passada, dados consolidados do Projeto de Monitoramento do Desmatamento por Satélite (Prodes), divulgados em Brasília, apontaram queda de 21,8% no desmatamento na Amazônia Legal, de 19,5% para área de não floresta do bioma e de 9,2% no Pantanal. As informações são referentes ao período entre os meses de agosto de 2022 e julho de 2023, em comparação ao ciclo anterior. Números importantes diante do fantasma dos desastres climáticos que cada vez mais assombra o Brasil.

Nos últimos 15 dias, a catástrofe provocada pelas chuvas no Rio Grande do Sul comove o país ao mesmo tempo que evidencia a urgência em cuidar do meio ambiente. Os especialistas alertam sobre os riscos que nos esperam se condutas complexas continuarem sem aplicação. Aquele futuro anunciado de eventos trágicos, na verdade, parece ter chegado.

Também na quarta-feira passada, a Organização Meteorológica Mundial (OMM) divulgou um relatório que indica 12 situações extremas registradas em território brasileiro em 2023. O documento aponta cinco ondas de calor, três chuvas intensas, uma onda de frio, uma inundação, uma seca e um ciclone extratropical.

Um estudo da Universidade de Michigan (EUA) indica um panorama preocupante no campo da saúde nacional. O potencial de transmissão das arboviroses – doenças que incluem dengue, zika e chikungunya – pode aumentar 20% nos próximos 30 anos devido às mudanças climáticas.

No Rio Grande do Sul, as autoridades ainda contam os desabrigados, os desalojados, os feridos e os que não sobreviveram às águas – ontem, a Defesa Civil confirmou 143 óbitos. Dos 497 municípios gaúchos, ao menos 444 relataram problemas com os temporais. A calamidade pública afetou cerca de 2 milhões de pessoas. A infraestrutura está amplamente comprometida e o trabalho de reconstrução vai exigir muita força humana e a disponibilização de recursos financeiros vultosos.

Distante do Brasil, outro evento climático também provoca um cenário avassalador. Fortes chuvas na sexta-feira causaram

inundações no norte do Afeganistão, deixando mais de 300 mortos. Desde abril, tempestades naquele país têm destruído vilarejos e terras agrícolas.

A crise ambiental instalada precisa apressar a busca por soluções globais que permitam um equilíbrio entre os recursos existentes e o consumo deles pelas nações. Os efeitos da destruição sugerem que, até agora, as medidas adotadas não foram suficientes para solucionar a questão.

No caso das áreas verdes, o desmatamento é gravíssimo. O Brasil depende do que elas oferecem: produção de sombra e oxigênio, retenção de gás carbônico e resfriamento do clima. A preservação da Amazônia e dos demais biomas – Cerrado, Mata Atlântica, Caatinga, Pampa e Pantanal – é crucial para os brasileiros.

As equações que envolvem atitudes individuais, posições governamentais e decisões macroeconômicas precisam ser resolvidas. A conscientização dos cidadãos, o empenho dos políticos e o comprometimento dos empresários são partes vitais na garantia da sobrevivência no planeta.

Os extremos de calor e de frio, as tempestades e os ventos assustadores são situações que deixaram de ser exceções no Brasil e no mundo. Políticas preservacionistas eficientes devem ser executadas para barrar a remoção das vegetações nativas. Outro ponto fundamental é a ampla implementação de modelos de produção de cunho sustentável, garantindo o desenvolvimento econômico e a conservação ambiental. Discussões, como a expansão das fronteiras dos biomas para a prática de atividades agropecuárias precisam ser encaradas.

Diante de cenas estereotípicas produzidas pelas catástrofes ambientais, as respostas precisam ser na mesma proporção. Reduzir os níveis de desmate e de poluição, diminuir o desperdício de alimentos e de produtos, buscar formas alternativas aos combustíveis fósseis, aumentar o consumo sustentável são algumas ações imprescindíveis. O mundo acompanha e sente os efeitos do uso e abuso da natureza. A preservação dos ativos tem de ser a nova ordem mundial. Essa é a tarefa inadiável que as mudanças climáticas impõem à civilização na atualidade.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Juros

Nos últimos 25 anos, muitos estudos diagnosticaram as causas da elevada taxa de juros no Brasil, que se explica pelo alto spread bancário (diferente entre a taxa de captação de recursos e a do empréstimo). O BC examina exaustivamente o assunto. As razões para juros tão alto são tipicamente brasileiras e têm origem em fenômenos, como elevada inadimplência (a grande vilã), tributos sobre transações financeiras, segmentação do crédito, excesso de recolhimentos bancários compulsórios ao BC e altos custos administrativos. Apenas 15% do spread fica com os bancos. Tem sido difícil atacar essas causas. Sem reformas, o governo não pode abrir mão da arrecadação. O Judiciário é lento e condescendente com os devedores, o que tolhe atos legítimos dos bancos de lançar mão de garantias e de reaver créditos. A Febraban publicou um e-book sobre o assunto — *Como fazer os juros serem mais baixos no Brasil*. Segundo, bancos estrangeiros que cobram juros mais baixos lá fora aplicam taxas mais altas aqui, enquanto os nossos cobram juros menores quando atuam em outros países. Em suma, cada caso é determinado pelo ambiente em que operam os bancos. É preciso persistir em mudanças institucionais que permitam dotar o Brasil de uma taxa decente de juros.

» Renato Mendes Prestes
Aguas Claras

Liga do Bem

Muito boa a matéria do **Correio Braziliense** (12/5), destacando o formidável trabalho da "Liga do Bem", a meritória iniciativa dos servidores do Senado, empenhada em arrecadar doativos para famílias carentes e moradores de rua. As atuais ações da Liga do Bem estão voltadas para as vítimas da tragédia no Rio Grande do Sul. A Liga do Bem está precisando de voluntários. Muitas doações chegando. O trabalho é incessante. Dezenas de servidores e voluntários de fora da Câmara Alta, estão, dia e noite, trabalhando duro. A diretora-geral do Senado, Ilana Trombka, está sempre lá, ajudando e estimulando. Nessa linha, senadores e senadoras, sobretudo senadores, filhos, cunhados, irmãs e netos, ou, ainda, mulheres de senadores, também poderiam arregaçar as mangas. Tirar momentos de folga, colocar jeans, sapato baixo ou chinelo de dedo e ir ajudar a Liga do Bem. Não custa nada. Não vai tirar-lhe pedaços. Fazer discursos calorosos e lamentar a tragédia não é suficiente. Soa como demagogia. Quem comparecer para ajudar será bem recebido. Estará dando contribuição preciosa e importante, que engrandecerá alma e coração de todos.

» Vicente Limongi Netto
Lago Norte

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Hang você construiu em área preservada, falou que as leis ambientais são o câncer do progresso, você é um dos culpados desta tragédia. Tem que ter política sim, só caridade não vai reconstruir o estado!

Maria Angélica C. Lucena — Brasília

O velho da Havan, fiel devoto do Bolsonaro, desmatou área de proteção ambiental para instalar uma enorme loja. Qual foi o seu percentual de participação na tragédia gaúcha?

Joaquim Honório — Asa Sul

Likes, views, curtidas, visualizações. As subcelebridades em busca de seguidores na tragédia do Rio Grande do Sul.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

» Erramos

» Diferentemente do publicado na capa, da edição de ontem, a grafia correta é Regiane Maria Cançado.

Tragédia no Sul

Será que um político como o Bolsonaro que, infelizmente, foi presidente do Brasil, merece algum crédito? Na pandemia da covid-19, durante seu governo, ele fez gracinhas e postava vídeos nas redes sociais minimizando os sofrimentos de centenas de milhares de famílias que perderam os seus entes queridos. Agora, sem um gesto de carinho para os gaúchos, os que mais lhe deram votos nas eleições anteriores, Bolsonaro faz publicações nas redes sociais minimizando os sofrimentos do povo gaúcho com essa tragédia. Um gesto de descaço com a realidade e sofrimento do povo gaúcho. O ex-presidente Bolsonaro (PL) utilizou as redes sociais para minimizar a crise climática e questionou as medidas tomadas para combatê-las. Bolsonaro demonstra ser um político sem noção, fazendo as suas gracinhas com coisas sérias. Gracinhas que ele sempre fez, e continua fazendo zombando dos sofrimentos do povo que passa por alguma tragédia. Acordem, eleitores. Bolsonaro nunca mais.

» Evanildo Sales Santos
Gama

Tragédia no Sul 2

Temos um Congresso, com raríssimas exceções, formado por homens e mulheres absolutamente negacionistas. Recusam-se, por motivos gananciosos, a reconhecer a orientação dos cientistas sobre as mudanças climáticas. Sem base científica, negam as mudanças climáticas. Insistem em produzir leis e mais leis contra o patrimônio ambiental do país, subservientes ao lobby dos destamadores e garimpeiros. São parlamentares obtusos, indignos de representar o país. O fenômenos climáticos, a cada momento mais severos e mortais, são ignorados por esses parlamentares da ultradireita e precificáveis, para os quais a vida humana não tem o menor valor. Leio, no site do **Correio**, que tramita no Congresso um "pacote de destruição", com 25 projetos de lei e três emendas constitucionais, que flexibilizam os marcos legais de preservação do patrimônio ambiental. A tragédia da seca na Amazônia e, agora, as inundações no Rio Grande do Sul, com perdas de vidas e de moradias, desabrigados, uma catástrofe de danos inimagináveis não sensibilizam os deputados e senadores. A resposta ao sofrimento dos brasileiros, seus eleitores, é um sonoro "danem-se", pois o que interessa é o lucro que terão a supressão da natureza indispensável à vida das pessoas.

» Alberto Pio de Andrade
Jardim Botânico



PALOMA OLIVETO
palomaoliveite.df@cbnet.com.br

Caramelo e a (des)humanidade

Se a semana passada fosse resumida em uma imagem, a de Caramelo, ilhado no telhado de uma casa em Canoas (RS), seria boa candidata. Ali, na solidão do cavalo literalmente sem chão, vemos o vazio de uma cidade arrasada, engolida pela fúria das águas.

Quantos anos terá essa casa? Quantas pessoas já viveram na construção submersa? De quais histórias foi palco? Teria alguém se apaixonado dentro dela? Ou mesmo morrido? Haveria um calendário na parede? Uma gravura desbotada do Coração de Jesus? O retrato colorizado de um casal de meio século atrás? Quanto orgulho devem ter sentido os proprietários, quando entraram, pela primeira vez, por sua porta?

Na imagem de Caramelo, espelha-se, também, a resiliência de quem perdeu tudo. Há de se suportar a incerteza da sobrevivência e de acreditar que o resgate vem.

Mais de 163 mil pessoas foram desalojadas pelas enchentes no estado. Por enquanto, difícil saber o que as aguarda quando a terra, enfim, secar. Sofás, geladeiras, documentos, álbuns fotográficos,

roupas, enfeites, lembranças de viagem, toalhinhas de crochê engomadas, panos de prato com barra estampada, brinqueados, árvores de Natal — esses, quase certo, terão se perdido, todos, na lama.

Caramelo, o cavalo ilhado, é, também, retrato da solidariedade. Quantas pessoas sofreram e só sossegaram quando o viram tombar, exausto, na embarcação salvadora? As mesmas, provavelmente, que sofrem a tragédia de desconhecidos, mandam doativos, oferecem abrigo, doam o tempo com trabalho voluntário. O resgate de Caramelo é um resgate de humanidade em tempos de ódio.

Porém, se a catástrofe no Rio Grande do Sul revela o que ainda há de bom em nós, também escancara a desumanidade de quem aproveita a desgraça para fazer politicagem. A fábrica de notícias falsas nunca esteve tão viva desde as eleições presidenciais de 2022; os grupos de WhatsApp alimentam-se de toda sorte de mentira para desestabilizar os esforços de resgate e acolhimento das vítimas. Mas fiquemos com a imagem do cavalo ilhado. O resgate de Caramelo é uma réstia de esperança.

CORREIO BRAZILIENSE

"Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara"
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

VENDA AVULSA
Localidade SEG/SÁB DOM

DF/GO R\$ 4,00 R\$ 6,00

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8945 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anúncios
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

ASSINATURAS *
SEG a DOM

R\$ 899,88

360 EDIÇÕES
(promocional)

S.A. CORREIO BRAZILIENSE - Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFE Agência Estado e DA Press. Tel: (61) 3214-1131



DA Press Multimídia
Atendimento pessoal para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br